

**TRAVESTI, BICHA E VIADO: O PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA
PALAVRA NA PERSPECTIVA DE BAKHTIN COMO FORMA DE
EMPODERAMENTO NAS REDES SOCIAIS**

**TRANSVESTITE, QUEER AND FAGOT: THE PROCESS OF RESIGNIFYING THE
WORD FROM BAKHTIN'S PERSPECTIVE AS A FORM OF EMPOWERMENT ON
SOCIAL NETWORKS**

Matheus Lincoln¹

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Alvaro Emilio Leite²

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo: As redes sociais e a internet têm sido plataformas vitais para que grupos minoritários se encontrem, se fortaleçam e criem espaços próprios de fala e expressão. Este estudo explora como conceitos de palavra, contexto, resignificação e dialogicidade, na ótica do círculo de Bakhtin esclarecem a transformação de expressões originalmente LGBTfóbicas em símbolos de orgulho e resistência. Analisamos publicações nas redes sociais LinkedIn e X (anteriormente Twitter), bem como campanhas publicitárias, destacando como esses grupos disputam o significado dos signos linguísticos. Neste processo, observamos a dualidade na interpretação dos signos: de um lado, sua utilização como ferramentas de opressão e, de outro, como símbolos de luta e afirmação. A metodologia inclui uma análise qualitativa das mensagens e imagens que ilustram essa dinâmica de empoderamento.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin; comunidade LGBTQIAPN+; resignificação; redes sociais; discurso.

Abstract: Social media and the internet have been vital platforms for minority groups to meet, strengthen, and create their own spaces for speech and expression. This study explores how concepts of word, context, resignification, and dialogicity, from the perspective of Bakhtin's circle, clarify the transformation of expressions originally used in an LGBTphobic manner into symbols of pride and resistance. We analyzed posts on social media platforms LinkedIn and X (formerly Twitter), as well as advertising campaigns, highlighting how these groups contest the meaning of linguistic signs. In this process, we observed the duality in the interpretation of signs: on one side, their use as tools of oppression, and on the other, as symbols of struggle and affirmation. The methodology includes a qualitative analysis of the messages and images that

¹ Pesquisador na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Email: matheuslincoln@gmail.com.

² Pesquisador na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Email: alvaroemilioleite@gmail.com.

illustrate this empowerment dynamic.

Keywords: Bakhtin Circle; LGBTQIAPN+ community; resignification; social networks; discourse.

**Submetido em 27 de maio de 2024.
Aprovado em 1º de outubro de 2024.**

Introdução

Na sociedade conectada em que vivemos, a internet e as redes sociais se tornaram espaços de expressão e encontro, colocando grupos minoritários e/ou em vulnerabilidade outrora silenciados em evidência (Lopes; Alves, 2020). Esses grupos se articulam em comunidades digitais que amplificam suas falas, demandas e culturas e, em suas postagens, é comum a utilização de vocabulários e dialetos próprios destes grupos como forma de demarcar um território de existência (Dias, 2019). No contexto das populações LGBTQIAPN+, por exemplo, há inclusive o termo “bajubá” para definir como dialeto o conjunto de expressões utilizadas por este grupo, tais como aqué, lacração, shade, entre outras (Costa, 2021).

Um segundo movimento que pode ser observado no contexto dos grupos minoritários, é a apropriação de expressões utilizadas anteriormente como forma de oprimir estas populações. Termos como viado, bicha e travesti passam por um processo de resignificação para serem utilizados como expressão de orgulho das minorias, assim, a vergonha de ser bicha, travesti e viado é transformada em afirmação positiva, utilizando-se da resignificação da palavra como forma de empoderamento (Alves; Romualdo, 2021).

Para compreender esse movimento de empoderamento por meio da resignificação de expressões anteriormente pejorativas, vamos analisar, à luz do círculo de Bakhtin, que se ancora numa concepção dialógica de linguagem. Este enfoque dialógico guiará nossa reflexão. Estruturalmente, nos tópicos deste artigo, busca-se contextualizar os principais conceitos bakhtinianos que possibilitam a análise de exemplos extraídos das redes sociais da utilização dos termos anteriormente pejorativos e preconceituosos como forma de afirmação e posicionamento empoderado. Há de se destacar também, que em determinados grupos e contextos, estes termos continuam sendo

sinônimo de opressão e desprezo, direcionando a análise destes termos na direção de caracterizá-los como signos ideológicos, conforme veremos ao longo deste texto.

1. Bakhtin e a linguagem como refletora e refratora da realidade

No estudo da ótica em Física, algumas superfícies encantam os cientistas por apresentarem características simultâneas de reflexão e de refração. Como refletoras, estas superfícies refletem a luz recebida e conseguem ser um espaço de reprodução das imagens que estão à sua volta. Como refratoras, estas superfícies têm a capacidade de desviar o raio luminoso produzindo alterações nas imagens percebidas por um observador. A imagem refratada, pode ser distorcida, maior, menor e até mesmo apresentar novas colorações, atribuindo novos olhares e significados para os elementos expostos a tal superfície. Estas ideias estão alinhadas com os estudos linguísticos aplicados que reconhecem a capacidade da linguagem de criar a realidade social. Elas também ecoam Bakhtin ao propor que as produções linguísticas refletem e refratam os valores sociais de seu contexto de produção (Bakhtin, 1997).

Essa percepção da linguagem como refratora e refletora, que ora explica o contexto a sua volta ora o modifica, começa a ser percebida na definição do que é palavra para Bakhtin. No livro *Marxismo e a filosofia da linguagem* (1929), o filósofo define palavra como sendo:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade de toda palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função (...) é o modo mais puro e sensível de relação social. (...) A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa. (Bakhtin, 2006, p.36-37)

Ou seja, nas palavras do autor a palavra já dá indícios do fenômeno social a que elas estarão ligadas, uma vez que apesar de neutra em relação a funções ideológicas, ela será preenchida de significados em sua utilização. Sozinha, isolada e descontextualizada a palavra está morta, estática e se associa a uma função puramente linguística, agora quando empregada, podemos afirmar que a palavra ganha vida ao se relacionar a uma identidade cultural (De Carvalho, 2009). Uma vez comunicada, a palavra entra em interação discursiva e fica repleta de representações do contexto social em que ela é

inserida, implicada no contexto daquele que fala e daquele que ouve. A palavra é um signo neutro até o momento de sua utilização, quando então passa a pertencer a ideologia do sujeito. Nessa perspectiva, Bakhtin nos atenta que o contexto contribuirá para a significação, ou seja,

(...) os contextos de uso de uma mesma palavra frequentemente são opostos entre si. O caso clássico dessa oposição entre os contextos de uma mesma palavra são as réplicas de um diálogo. Nesse caso, a mesma palavra aparece em dois contextos em colisão (...). Os contextos não se encontram lado a lado, como se não percebessem um ao outro, mas estão em estado de interação e embate tenso e ininterrupto. Essa alteração da ênfase valorativa da palavra em diferentes contextos é totalmente ignorada pela linguística e não encontra nenhuma expressão na doutrina da unidade da significação. (Bakhtin, 2006, p.36-37)

Essa complexidade da compreensão do significado da palavra contribui para que possamos compreender o que Volóchinov (2017) afirmava ser a característica viva da língua, pois longe de ser algo estanque, a linguagem é um processo evolutivo e contínuo, redimensionando-se às interações verbais que ocorrem no seio dos grupos sociais. Isso nos auxilia também a compreender que as concepções de mundo, as crenças e os estados de espíritos ideológicos das pessoas só passam a existir quando são pronunciados, escritos e marcados através das palavras, das ações e dos símbolos, tornando parte da realidade que circunda o homem (Medviédov, 2012). Isso nos leva a compreender que sem signo não existe ideologia, ou seja, a palavra é um elemento que compreende o ideológico e o dialógico. Como signo ideológico por excelência, ela também é o elo dialógico pelo qual se ligam, simultaneamente, o subjetivo o intersubjetivo e o social, já que ela procede de alguém para alguém, como sinal de expressão a um em relação ao outro (Costa, 2021). Portanto, ao ser enunciada, a palavra caracteriza a realidade da língua e sua natureza social, dando resposta a alguma construção e entendimento no contexto social em que ela foi proferida.

2. A resignificação da palavra: do sinônimo de opressão à símbolo de resistência

A palavra proferida não existe isoladamente; ela está sempre imersa em um contexto que inclui signos e ideologias, sendo moldada e definida por este contexto sócio-

histórico. A transformação de termos como 'bicha', de um símbolo de vergonha para um de empoderamento e resistência, exemplifica a dinâmica da ressignificação. Este processo envolve uma compreensão profunda de conceitos como discurso e diálogo, através dos quais continuaremos a explorar, seguindo a perspectiva de Bakhtin.

O discurso é mais do que uma simples coleção de palavras; é uma entidade complexa que engloba os 'enunciados', que são manifestações de palavras dentro de um contexto mais amplo que reflete e influencia a sociedade e a história. Em termos de Bakhtin, um 'gênero discursivo' se refere a formas específicas que o discurso pode tomar (oral ou escrito), cada uma adequada a diferentes esferas da atividade humana e comunicação. Cada gênero discursivo possui características e finalidades próprias que refletem as condições específicas e finalidades da esfera a que pertencem (Arduino; Kozma, 2021).

A interação entre os enunciados, denominada 'dialogismo', destaca-se como um ponto crucial. O dialogismo é o processo pelo qual os enunciados não só respondem uns aos outros, mas também preparam o terreno para futuras interações. O ouvinte, então, não é meramente um receptor passivo; ele é um participante ativo que interpreta, responde e, potencialmente, transforma o enunciado recebido em novos discursos. Assim, cada falante é também um respondente, seja concordando, discordando ou modificando o enunciado recebido, adicionando novos tons e significados a ele e refletindo a capacidade refratora da linguagem (Bakhtin, 2003). Este enriquecimento dos termos ajuda a esclarecer suas inter-relações e a importância de cada um no estudo do uso da linguagem e sua capacidade de moldar realidades sociais e individuais.

A ressignificação da palavra, de uma perspectiva opressora para um ato de resistência, passa, portanto, pelas questões de empoderamento. Empoderamento aqui é definido como um processo de enfrentamento às estruturas de poder presentes na esfera de nossa sociedade, processo este que perpassa as esferas pessoal, intersubjetiva e política (Carvalho, 2004). Esta concepção também encontra eco em Paulo Freire, que defende a desconstrução das relações sociais de poder por meio de uma educação libertadora. Este processo, conforme exposto por Freire e Shor (2011), é entendido como um movimento político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação. Trata-se, portanto, de um movimento de ressignificação de estruturas, símbolos e signos que visam

mudanças sociais. Empoderar-se é, portanto, utilizar-se de um discurso de ódio, que elencava características tidas como depreciativas para promover um discurso de afirmação coletiva de orgulho, no qual o viado escondido agora resiste, sobrevive e é sujeito de direitos na sociedade.

Nas redes sociais, quando os grupos minoritários se utilizam de expressões como 'preto', 'viado', 'bicha' e 'travesti' como afirmação e orgulho, estabelece-se um discurso de empoderamento que contribui para a livre manifestação de suas identidades como forma de resistência a um sistema social opressor que visa o apagamento dessas populações (Mozdzinski, 2019). Este ato de ressignificação pode ser entendido à luz do conceito de carnavalização proposto por Bakhtin (2002), no qual a linguagem e os símbolos tradicionalmente marginalizados são elevados e celebrados. Nesse processo, abolem-se as barreiras hierárquicas, invertendo-se as posições de privilégio social. Assim, as minorias marginalizadas apropriam-se do poder e expressam-se livremente por meio dos símbolos que outrora as oprimiam. Isso revoga o temor e o preconceito, permitindo que o discurso opressor seja não apenas contestado, mas ridicularizado através do humor, da afirmação e do orgulho, emulando o riso carnavalesco que sempre visa desafiar o opressor e promover uma mudança nas dinâmicas de poder e verdade (Bakhtin, 2002).

3. Recortes de discursos LGBTQIAPN+ de ressignificação

A internet, em decorrência das redes sociais, vem se tornando um espaço de expressão para os grupos de minorias e em vulnerabilidade (Lopes; Alves, 2020). Através dela, constituem-se comunidades digitais que reivindicam espaço, fala e direitos. A conexão nas redes possibilitou que o discurso e o diálogo entre esses grupos ganhassem uma amplitude em escala exponencial, facilitando assim processos de aceitação e empoderamento coletivos. Embora estes espaços digitais ofereçam visibilidade e reforcem a ressignificação de discursos de opressão em discursos de afirmação e orgulho, é importante reconhecer que essas transformações refletem e interagem com dinâmicas sociais mais amplas. Portanto, a ressignificação observada nas redes sociais não é exclusiva desses meios, mas uma extensão das mudanças que também ocorrem em outros contextos sociais

No X, rede social destinada ao compartilhamento de microtextos de até 280 caracteres, é possível encontrar a palavra 'bicha' em posts de autoafirmação, num contexto de orgulho ao se fazer uma busca pela palavra na plataforma. A escolha do X como foco de análise deve-se a várias características únicas desta rede. Primeiramente, a limitação de caracteres incentiva a concisão e a clareza, fazendo com que as mensagens sejam diretas e impactantes. Além disso, o X é conhecido por sua rapidez na disseminação de informações e por facilitar a formação de comunidades em torno de hashtags específicas, permitindo que movimentos de empoderamento ganhem visibilidade rapidamente. Essa dinâmica é particularmente valiosa para estudar como termos historicamente pejorativos são recontextualizados e adotados como símbolos de orgulho. Outras redes podem oferecer insights sobre interações mais prolongadas ou conteúdo multimídia, mas o X proporciona uma visão imediata e global do discurso público e das mudanças na linguagem em tempo real.

Figura 01: Publicações que se apropriam das expressões bicha e viado como autoafirmação positiva.



Fonte: <https://x.com/>

No LinkedIn, rede social destinada a perfis profissionais e de linguagem mais formal, também é possível encontrar postagens e perfis onde há a autoafirmação de diversidade de gênero e autoafirmação sexual através da utilização de palavras comumente utilizadas em tom preconceituoso. A inclusão do LinkedIn na análise é estratégica, pois, apesar de sua orientação profissional e formal, a plataforma se tornou um espaço onde a diversidade e inclusão são cada vez mais valorizadas pelas empresas e profissionais. Isso reflete uma mudança significativa no ambiente corporativo, que busca incorporar e celebrar a diversidade entre seus colaboradores. A escolha desta rede, portanto, permite explorar como a ressignificação de termos e a expressão de identidades ocorrem não apenas em contextos informais ou pessoais, como no X, mas também em ambientes profissionais e formais. Destacar essas dinâmicas no LinkedIn enfatiza a permeabilidade das questões de diversidade em todos os setores da vida social, incluindo o espaço de trabalho, onde tais discussões eram tradicionalmente mais restritas.

Figura 02: Perfis na rede social LinkedIn utilizando termos travesti e bicha como expressões afirmativas.



Fonte: <https://www.linkedin.com/company/bichadajustica/?originalSubdomain=br>

No campo da dialogicidade das redes sociais, as mensagens são jogadas na rede e acabam atingindo interlocutores com outros pontos de vista, e é comum a tentativa da utilização das expressões dos grupos minoritários para voltar a um contexto de opressão. Um exemplo deste percurso, é a utilização da expressão “lacre” por perfis conservadores

que buscam intimidar empresas e influenciadores que realizam postagens afirmativas. Nesse contexto, podemos compreender o signo ideológico também como um espaço de disputa entre grupos sociais, em movimentos de reflexão e de refração, ora se identificando com o signo (reflexão), ora alterando a direção do seu sentido (refração). De acordo com Volóchinov (2017), isso significa que o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes, dado o imbricamento entre linguagem e ideologia. É nesse ringue linguístico que forças socioideológicas antagônicas lutam pela conquista do sentido do signo que é atravessado por acentos valorativos e avaliações conflitantes. Um exemplo recente desta disputa, é a utilização da palavra *lacre*, vista como sinônimo de fracasso por perfis conservadores e como sinal de orgulho para o campo mais progressista. A disputa em torno da expressão *lacre* ultrapassou o campo das redes sociais e figurou campanhas publicitárias durante o mês do orgulho LGBTQIAPN+. (Alves; Romualdo, 2021).

Figura 03: Publicação em torno da expressão *lacre* se referindo a ela como discurso pejorativo.



Fonte: <https://x.com/>

Figura 03: Campanha publicitária para informar que o lucro arrecadado seria destinado a ONGs LGBTQIAPN+.



Fonte: <https://x.com/>

Outro exemplo da utilização da disputa pelo significado dos termos foi protagonizado por uma campanha publicitária do governo do estado de Minas Gerais. Em sua campanha, acompanhando o movimento das redes sociais, o governo utilizou expressões tipicamente LGBTfóbicas para ressignificá-las em atitudes contra o preconceito (Arduino; Kozma, 2021).

Figura 05: Campanha publicitária do estado de Minas Gerais que utilizou a ressignificação dos signos anteriormente sinônimos de preconceito.



Fonte: Governo de Minas Gerais, 2021.

A aposta dos enunciados vai para além da utilização da palavra pelo seu aspecto linguístico gramatical, mas aborda as considerações dialógicas estabelecidas para a ressignificação dos discursos presentes na sociedade.

Conclusão

Nesse trabalho exploramos a concepção de palavra de Bakhtin, sobretudo sua concepção enquanto fenômeno ideológico. Também exploramos a palavra como signo ideológico que vive em campo de disputa entre diferentes classes sociais sobre o seu significado. Nessa perspectiva, crescem os movimentos de empoderamento de grupos minoritários que se utilizam de signos que representam opressão para a construção de símbolos de luta, resistência e orgulho. Os recortes trazidos das redes sociais e do campo

publicitário são exemplos de como o dialogismo contribui para a transformação dos sentidos e de como a língua é refletora dos valores sociais, mas também é refratora destes valores uma vez que pode apontar para a direção da construção de novos significados e compreensões.

Através de uma série de estratégias de autoafirmação e valorização, os grupos minoritários colocam o sentido original proposto pelos grupos preconceituosos em contraposição, fragilizando o discurso opressor, contestando a ordem vigente e ressignificando expressões anteriormente utilizadas para o ataque e a marginalização.

Os estudos do Círculo de Bakhtin se mostram importantes para a análise deste movimento de dialogicidade e expressão digital, na qual grupos marginalizados buscam a construção de um discurso potente de resistência e sobrevivência, contribuindo para a compreensão da linguagem em movimento, que ressignifica símbolos, signos e significados através da reflexão e da refração do contexto sociocultural em que o discurso é proferido, interpretado e rebatido.

A transformação das expressões travesti, bicha, viado entre tantas outras ainda não está posta. Elas ainda servem para ferir e marginalizar em nossa sociedade, mas a dialogicidade e a ressignificação contribuem para que estes termos sejam também símbolos de afirmação, de luta e de sobrevivência para aqueles que tem a coragem de assumir suas identidades, mesmo vivendo no país que mais mata LGBTQIAPN+ no mundo. A língua é social, as palavras carregam muito mais que informações, elas nos aproximam dos sujeitos, possibilitam que enxerguemos suas lutas, dores e contextos e o mais importante, possibilitam que discursos não apenas registrem a história, como também a transforme.

Referências

ALVES, Rafael Vitória; ROMUALDO, Edson Carlos. Os sentidos da expressão “Quem lacra não lucra” em um filme publicitário do Burger King. **Letras de hoje**, v. 56, n. 3, p. 639-653, 2021.

ARDUINO, Luiz Guilherme de Brito; KOZMA, Eliana Vianna Brito. RESSIGNIFICANDO DISCURSOS. **Revista DisSoL-Discurso, Sociedade E Linguagem**, n. 13, p. 69-81, 2021.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CARVALHO, Sérgio Resende. Os múltiplos sentidos da categoria "empowerment" no projeto de Promoção à Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, p. 1088-1095, 2004.

COSTA, Diego Lacerda. Dos guetos e das bichas: o lugar do sujeito e da história no discurso sobre a homossexualidade. **Leitura**, n. 69, p. 133-146, 2021.

DE CARVALHO, Nelly Medeiros. Empréstimos linguísticos e identidade cultural. **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas**, 2009.

DIAS, Marcio Monteiro et al. Pink money e comunicação: análise das narrativas publicitárias e das interações em pontos de vendas no consumo LGBTI na cidade de Belém. 2019.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Paz e Terra, 2011.

LOPES, Henrique Vieira; ALVES, Otília Paiva Nunes; ALVES, Sergio Roberto Jorge. Internet, redes sociais e a construção do debate das minorias. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 44674-44682, 2020.

MEDVIÉDEV, Pavel N. O método formal nos estudos literários [1928]. **Introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Sheila Grillo E. V. Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MOZDZENSKI, L. P. Outvertising – a publicidade fora do armário: Retóricas do consumo LGBT e Retóricas da publicidade lacração na contemporaneidade. 2019. 311 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017